

DOMENICO DE MASI: um homem que tem os olhos e o coração no futuro.

RESUMO:

A UniBrasil recebeu no dia 24 de outubro, no Projeto UniBrasil Futuro, o professor Domenico De Masi. Nascido em Rotello na Itália, morador de Roma, cidadão honorário do Rio de Janeiro, famoso pelo desenvolvimento do conceito do “ócio criativo”, é escritor desde os dezenove anos, e aos 22 já lecionava na Universidade de Nápoles, propagando suas ideias em livros, ensaios, matérias, cursos universitários, conferências e programas de rádio e televisão.

ARTIGO:

Para uma plateia extremamente heterogênea, composta por alunos de diversos períodos e cursos da UniBrasil, juntamente com docentes e representantes da intelectualidade e da produção cultural de nossa cidade, o sorriso largo de Domenico De Masi antecede a voz serena e firme: “gosto de olhar para a plateia pra decidir o que falar”, diz ele. Desde aí já se vê, em exercício e exemplo, a marca da criatividade e o alinhamento ao tempo, necessários para construir um estágio civilizatório mais solidário e mais feliz. Em síntese, é esta a proposta de De Masi: um modo especial de experiência do e no tempo que alie a produção de bens à criatividade e comporte a singularidade como alto índice do sentimento de pertença a uma família, grupo, nação e à humanidade.

Convocado pela realidade social a compreendê-la e pela responsabilidade ética a compartilhar seus achados e propor soluções para a infelicidade e o descontentamento humanos, razões também da violência, Domenico de Masi é um homem que tem os olhos e o coração no futuro, mesmo quando passeia pelo passado: aponta para o Tempo, o grande, e seus momentos históricos a produzir “modelos de enxergar a realidade” e modos de administrar o poder. Se o que caracteriza a humanidade é, diferentemente da fixidez do comportamento animal, a criatividade, entretanto, mas não paradoxalmente, os modelos de vida nos quais cada indivíduo realiza seu percurso singular são matrizes forjadas em valores vigentes para muitos por algum ou muito tempo. É assim que 7000 anos de sociedade rural estão substituídos por poucos 200 de capitalismo, mas estes com vigorosos valores e eficazes estratégias de produzir e não distribuir para deslocar as necessidades humanas qualitativas, a saber, amor, beleza, diversão, introspecção, convívio e amizade, e colocar em seu lugar necessidades quantitativas, tais como poder, riqueza e posse de bens. Provocativo, interroga: “por que a burguesia se escandaliza com a destruição promovida pelos *black blocs* nestes tempos de protestos? Afinal, eles apenas depredam instituições e bens materiais, não levam ninguém à guilhotina!” como vimos passar-se na Revolução Francesa, igual revolta do povo, justamente quando nasce o capitalismo moderno. E, acrescentando-se, insistimos, introduzindo um modo muito particular de relação ao (e redução do) tempo.

Os modelos anteriores também não eram satisfatórios. Nem os vigentes o são. Assim Domenico explanou livremente a respeito de diversos modelos de vida: o indiano, centrado no humanismo espiritual, mas que tem sua contradição na “democracia hereditária”, nas grandes diferenças de classe e nas vidas engolidas pela fome; o

chinês, pacífico, mas objetivando o consumismo; o japonês, modelo mais bélico, mas que apresenta um refinamento na forma de olhar o mundo sob a estética do vazio; o muçulmano, o hebraico, assim como o cristão, são sistemas monoteístas e, como tais, mais violentos que os politeístas; do greco-romano herdamos a democracia e o direito como formas de organização mundial, mas “todos os sistemas jurídicos são feitos para defender os ricos” que, aliado ao cristianismo enquanto sistema penitencial, deixa de herança para o ocidente uma justiça universal para compensar a injustiça do mundo e inventa o purgatório e os bancos. Seja o regime comunista que soube distribuir, mas não soube produzir (e por isso perdeu), ou o capitalista que sabe produzir, mas não se dispõe a distribuir (e, portanto, não venceu), seja o modelo capitalista industrial na produção de bens materiais ou o pós-industrial, centrado na produção de bens imateriais, a criatividade favorável à vida está seriamente comprometida. “As nações mais ricas são as que produzem mais infelicidade”.

Mas é numa segunda provocação que De Masi sugere pensarmos sobre o Brasil e daí extrairmos as contribuições que um tal modelo pode oferecer ao mundo: “por que todo livro de História do Brasil começa em 1500, desprezando todo um modo de vida extremamente satisfatório que aqui existia antes do descobrimento?”

Lembrando Darcy Ribeiro, o único a alertar para isso e a escrever a história dos índios que por aqui estavam “desde antes dos gregos”, lembrando também sua amizade e parceria profissional com Oscar Niemeyer que devolve ao mundo a visão curvilínea extraída da própria natureza, porque “de curvas é feito todo universo”, enquanto que a linha reta foi criada pelo homem, De Masi apresenta o Brasil como país que tem três grandes problemas - o analfabetismo, a pobreza e a violência - mas que tem também muito a ensinar.

O modelo brasileiro, portanto, não é o ideal, mas o modo de vida indígena baseado na introspecção, na ritualidade, na convivência e na estética forneceu ao Brasil as bases para uma mistura de raças e etnias que garante uma diversidade cultural realizada em convivência pacífica intra e extraterritorial nacional. A perfeição do modelo de vida indígena, organizado por uma relação muito particular de experiência com o tempo e com a estética, forneceu ao Brasil uma relação também muito especial com o corpo. Da arte indígena pouco se sabe por que tinha por tela a pele. As pinturas realizadas sobre o corpo, o tempo fez perder-se, sem deixar registros... mas preserva-se a marca do Tempo, aquele “que se faz com a própria alma” e que garante a serenidade e a tranquilidade do amor, da amizade, do convívio familiar, de um lugar na humanidade. Assim, “o Brasil é uma grande reserva de humanismo corporal”.

O jovem acadêmico precisa bem mais do que saberes específicos e técnicos em sua formação profissional, mesmo que estes devam ser – e devem ser! – garantidos com a máxima excelência. O jovem acadêmico precisa saber que é senhor da História e do Tempo para melhor aplicar aqueles saberes específicos e técnicos na direção e exercício de uma criatividade a serviço da felicidade pessoal e da realização de um mundo mais pacífico, amoroso e criativo. “Os crentes confiam na fé; os não crentes confiam na estética”, afirmava De Masi. E não nos furtamos a ver a ética dentro da *estética*. O jovem acadêmico pode levar de Domenico de Masi estes conselhos: cuidar da sua formação e do exercício profissional é reinventar a relação com o corpo, a natureza e o tempo.

AUTOR:

Dulce Mara Gaio – Professora de Psicologia das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil. Psicanalista, supervisora Clínico-Institucional da Rede de Saúde Mental de Joinville, supervisora do setor de Psicologia da Associação Paranaense da Criança com Neoplasia (APACN).